

ALCOOLISMO FEMININO: EDUCAÇÃO E PREVENÇÃO

Andressa Mendes da Silva Dias
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: andressamendes90@gmail.com

Janderson Carneiro de Oliveira
Universidade Federal da Bahia - UFBA (Brasil)
Endereço eletrônico: jancopsi@gmail.com

Luci Mara Bertoni
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: profaluci@uesb.edu.br

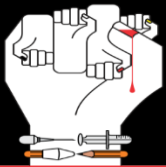
615

INTRODUÇÃO

O alcoolismo, para Bertolote (1997), consiste em um fenômeno de múltiplas abordagens, perpassando por concepções de ordem mística-religiosa, bem como por elaborações interpretativas sobre questões de natureza genética e bioquímica. Porém, é notória uma consagrada polarização estabelecida nos dois últimos séculos: por um lado, há uma perspectiva moralista que enverniza esse fenômeno social e, por outro, há um investimento médico-centrado, que aborda o alcoolismo sob o olhar caracterizado por uma configuração patológica, que necessita, portanto, de um processo de cura.

O termo alcoolismo, proposto por Magnus Huss, em 1849, foi abordado como fenômeno socio-sanitário, mas manifestou-se por um lastro social estigmatizador. Isso confere ao alcoolismo outros modos de produção social e comunicacional, excedendo o conceito originalmente pensado por Huss, o que imprime ideias sedimentadas em nossas relações cotidianas e em nosso tecido social (BERTOLOTE, 1997).

Nessa perspectiva, mobilizado por uma vertente psicossociológica, faz-se necessário pensar em um projeto terapêutico ou em modos de prevenção aos agravos à saúde que operacionalizem um cuidado em saúde mental com ênfase na atenção aos/às usuários/as de substâncias psicoativas. No que se refere aos usos de bebidas alcoólicas, devemos considerar os determinantes sociais, políticos e culturais que contribuem para um processo patológico de alcoolização, e não apenas um procedimento clínico-individual fundamentado em uma abordagem sustentada unilateralmente por um viés biomédico.



O consumo de bebidas alcoólicas, como fenômeno sociocultural, caracteriza-se como uma prática social vinculada e pertencente exclusivamente ao universo masculino. Entretanto, o consumo alcoólico entre as mulheres tem se avolumado consideravelmente, conforme evidencia o III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira (BASTOS *et al.*, 2017), quando informa que 59,0% das mulheres reporta o consumo de bebidas alcoólicas na vida.

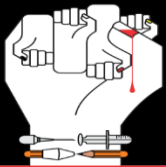
Não obstante a isso, ao nos reportarmos à história do alcoolismo e seus padrões de uso, observamos que o consumo de bebida alcoólica por mulheres foi desconsiderado. Isso se justifica quando constatamos que de acordo com Bauer (1982), o feminino tem sido omitido ou colocado em segundo plano no que diz respeito aos estudos sobre o uso/abuso do álcool, negligenciando estratégias de prevenção voltadas a esse público e a própria atenção a um quadro de alcoolismo que acomete as mulheres.

Desse modo, em pesquisa realizada sobre a “Memória e Representações Sociais de mulheres de grupos de alcoólicos anônimos sobre uso/abuso do álcool”, constatamos características específicas do beber feminino, remontando trajetórias de prejuízos tanto individual quanto coletivo, fortemente marcadas por culpa, exclusão, sofrimento e solidão de mulheres alcoolistas (DIAS, 2017). Diante disso, o presente estudo objetiva analisar as peculiaridades do consumo alcoólico em mulheres, e as possíveis propostas de ações educativas e de prevenção ao alcoolismo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada com seis mulheres alcoolistas participantes de grupos de Alcoólicos Anônimos, a partir de entrevistas semiestruturadas. Levamos em consideração a aproximação existente entre o processo de ancoragem, propostos por Moscovici ([2000] 2015), de integrar e comparar pensamentos pré-existentes a novos contextos para explicar a construção das representações sociais e a memória coletiva de Halbwachs ([1950] 2006), pois trata-se do momento em que as mulheres recorreram à memória, ancorando-as e revelando suas representações sociais. Assim, de acordo com Jodelet (2001) não se trata, simplesmente, de uma reprodução dos acontecimentos passados, mas de uma releitura ou uma reconstrução a partir das situações dispostas no tempo presente.

Observamos algumas características principais e comuns entre essas mulheres, como: a faixa etária entre 48 e 59 anos; a classe social trabalhadora a que pertencem; os



motivos pelos quais não participam dos grupos de AA com a mesma frequência que quando começou (apenas uma participa com frequência); três delas bebiam sempre em casa e três bebiam em espaços públicos; uma começou a beber quando criança, duas começaram a beber durante a adolescência e as demais iniciaram com o consumo do álcool a partir dos vinte anos de idade. As seis entrevistadas foram incentivadas por outras mulheres a buscarem ajuda para o problema com o alcoolismo no AA. Para este estudo, apresentamos um recorte da pesquisa apontando as principais especificidades do beber feminino, associando a estudos referentes a medidas de prevenção ao uso/abuso do álcool.

617

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo realizado por Medeiros, Maciel e Sousa (2017) que analisou a dimensão representacional acerca da mulher usuária de substâncias psicoativas a partir da Teoria das Representações Sociais, trouxe que um dos resultados encontrados refere-se à quebra dos padrões normativos, tendo em vista que os usos de drogas pela população feminina evoca um pensamento popular de que há um rompimento com os papéis sociais atribuídos às mulheres, o qual se manifesta por meio de uma produção discursiva em que coloca o consumo de drogas como uma prática inaceitável para o universo feminino. Isso intensifica as subnotificações dos padrões de usos das mulheres, prejudica o acesso destas aos serviços de saúde e impossibilita a emergência de um cenário para o planejamento de práticas preventivas para esse público específico.

De acordo com Aratangy (1998), apenas informações esporádicas e palavras que não façam sentido para os indivíduos não são suficientes para prevenção. O primeiro passo seria o reconhecimento de que “qualquer ser humano possui estrutura emocional necessária para, dadas as condições favoráveis, desenvolver um vício ou uma dependência”. Nessa perspectiva, a autora chama a atenção de que é necessário se desfazer de preconceitos para atuar em quaisquer um dos estágios de prevenção, pois aqueles que acreditam que um dependente “é um pervertido, um doente ou um pecador dificilmente será um educador eficiente” (ARATANGY, 1998, p. 10).

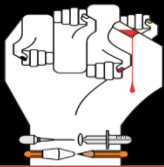
No caso do trabalho de prevenção voltado ao consumo de bebida alcoólica por mulheres, além de dirimir qualquer tipo de preconceito é preciso ter uma postura contra o machismo e em oposição a estrutura patriarcal que ainda repercute em nossa sociedade, visto que, diante das exposições das participantes da pesquisa, foi possível

Realização:



Apoio:





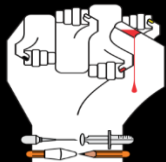
constatar a existência de alguns fatores que permeiam as questões de gênero, como: a culpa enfrentada pelas mulheres por não cumprirem as tarefas a elas atribuídas pela sociedade (dona de casa, mãe, esposa etc.); o fato de não terem o apoio de seus companheiros no momento de buscar ajuda, sendo sempre acompanhadas e instruídas por outras mulheres, havendo uma inversão comparada aos homens que participam de programas de recuperação e são acompanhados, em sua maioria, por esposa, mãe e filhas; a situação de poderem participar de um grupo de ajuda mútua que objetiva a abstinência, mas não se sentirem pertencentes àquele ambiente por ser estruturado para o público masculino.

Segundo o VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas, no ano de 2010, o primeiro contato com o álcool acontece na adolescência, com idade em torno dos 13 anos e há uma predominância do uso por meninas no Ensino Fundamental e Médio. Exemplo disso, são os casos analisados neste estudo em que três das participantes iniciaram a ingestão de bebida alcoólica na infância e na adolescência, sendo aos 5, 12 e 14 anos de idade. Estes dados, em consonância com o aumento dos índices de ingestão etílica por mulheres, divulgado pelo Instituto Nacional de Políticas Públicas de Álcool e outras Drogas - INPAD, demonstra ainda mais a urgência de medidas educativas e de prevenção direcionadas ao alcoolismo feminino.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, foi possível evidenciar a importância de se dedicar a mais pesquisas e a criação de políticas públicas de prevenção que, não apenas sejam voltadas ao uso/abuso de álcool e outras drogas de maneira geral, mas que sejam destinadas também às especificidades que caracterizam o alcoolismo feminino como um fenômeno social contemporâneo

Por conseguinte, ao tratarmos neste trabalho sobre mulheres alcoolistas inseridas no Alcoólicos Anônimos (AA), destacamos, dentre outros pontos, que uma ausência significativa das mulheres nesse referido grupo, justifica-se tendo em vista que a configuração grupal, com suas próprias histórias e narrativas contadas por homens, remetem às vivências experienciadas no bar, um lugar predominantemente ocupado pelo público masculino, o que faz com que as mulheres não se sintam à vontade para estar e falar sobre esse espaço.



Por fim, a partir dos dados levantados durante a pesquisa, apontamos algumas pistas que podem contribuir para o caminho da prevenção ao alcoolismo feminino: inclusão da discussão sobre drogas nos cursos de licenciatura e na formação continuada de professores, sendo o alcoolismo e o alcoolismo entre mulheres parte da ementa; e a elaboração de projetos político-pedagógicos pelas unidades escolares que prevejam a temática dentro de sua realidade, numa perspectiva transversal.

PALAVRAS-CHAVE: Representações sociais. Alcoolismo feminino. Prevenção. Educação. Alcoólicos Anônimos.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Francisco Inácio Pinkusfeld Monteiro; VASCONCELLOS, Maurício Teixeira Leite de; DE BONI, Raquel Brandini; REIS, Neilane Bertoni dos. COUTINHO, Carolina Fausto de Souza. (Orgs.). **III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2017. 528 p.

BAUER, Jean. **O alcoolismo e as mulheres: contexto e psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1982.

BERTOLETE, José Manuel. Conceitos em alcoolismo. In: RAMOS, Sérgio de Paula; BERTOLETE, José Manuel. **Alcoolismo hoje**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BERTONI, Luci Mara. **Se beber não dirija: representações, juventude e publicidade de bebidas alcoólicas**. Vitória da Conquista: EDUESB; Campinas: Librum, 2015.

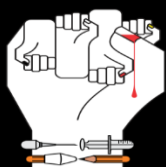
DIAS, Andressa Mendes da Silva. **Memória e representações sociais de mulheres de grupos de alcoólicos anônimos sobre uso/abuso do álcool**. Dissertação (Mestrado). Orientadora: Luci Mara Bertoni. Programa de Pós-graduação em Memória: linguagem e sociedade, UESB, Vitória da Conquista, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, [1950] 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. Levantamento Nacional de Álcool de Drogas – II LEDAD 2012. Disponível em: <<http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>> acesso em: 20 de abr. de 2022.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

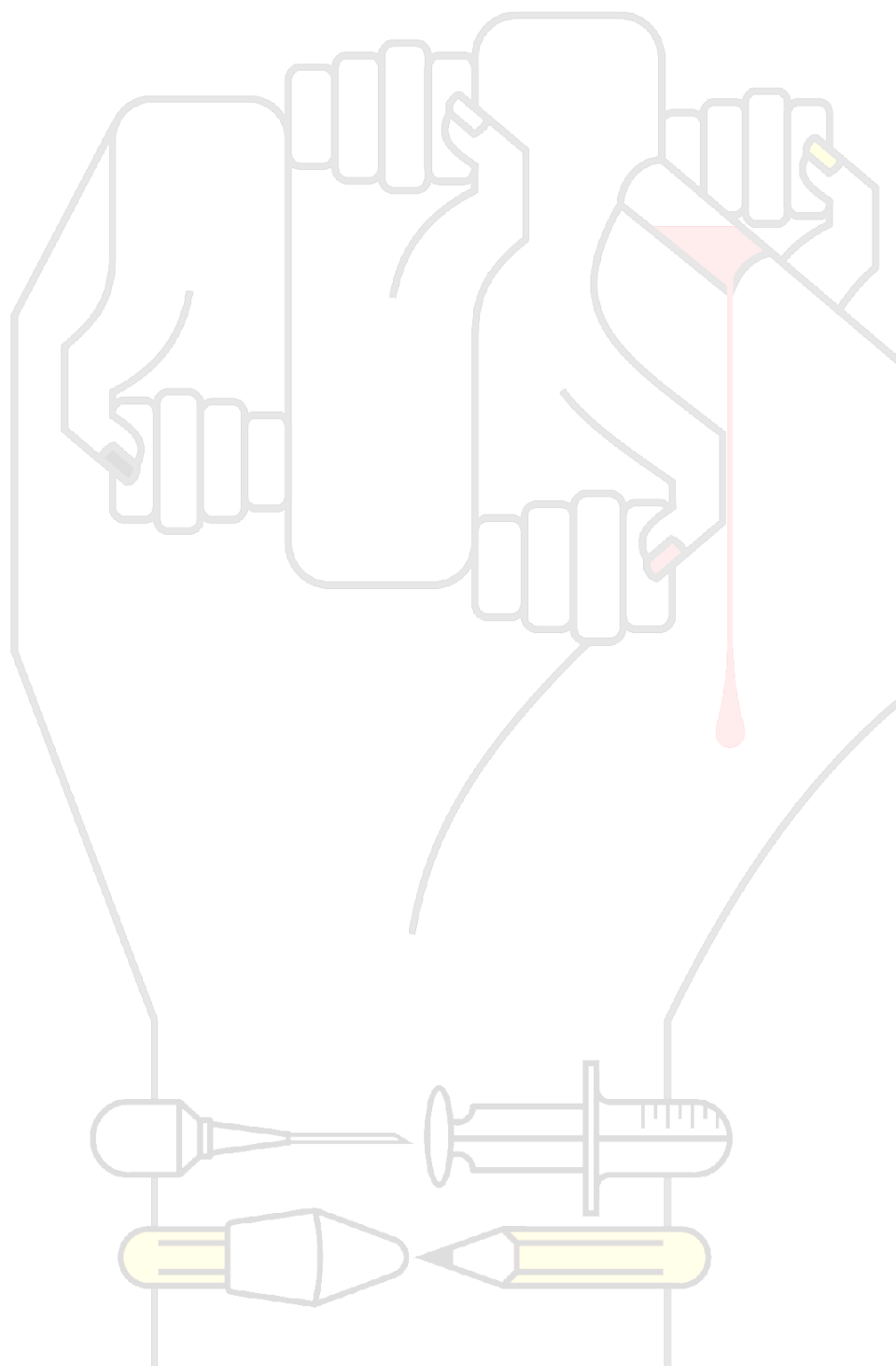
MEDEIROS, Katrucky Tenório; MACIEL, Silvana Carneiro; SOUSA, Patrícia Fonseca de. A Mulher no Contexto das Drogas: Representações Sociais de Usuárias em Tratamento. **Paidéia**. vol. 27, suppl. 1, 2017, p. 439-447.



MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, [2000] 2015.

VI LEVANTAMENTO NACIONAL SOBRE O CONSUMO DE DROGAS PSICOTRÓPICAS ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DAS REDES PÚBLICA E PRIVADA DE ENSINO, São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, - SENAD, 2010.

620



Realização:



Apoio:

